

Variação morfofonológica da variável (gente) na fala de moradores da comunidade Ariri (AM)

Morphophonological variation of the variable (gente) in the speech of residents of the Ariri community (AM)

Felício Wessling Margotti*

Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, Brasil

Orlando da Silva Azevedo**

Universidade Federal do Amazonas, Manaus, AM, Brasil

Ilna Kelly Ferreira dos Santos***

Universidade Federal do Amazonas, Manaus, AM, Brasil

Resumo: Neste artigo, são descritas as variantes morfofonológicas da variável (*gente*) na fala de moradores da comunidade Ariri, localizada no rio Coari Grande, que pertence ao município de Coari, no Estado do Amazonas. O corpus foi retirado de oito respostas discursivas que constam no questionário semântico-lexical da tese de Azevedo (2013). Trata-se de um trabalho dialetológico e geolinguístico por trabalhar a variação dialetal no espaço territorial. A análise descritiva foi feita nas dimensões intralinguística, diatópico-diafásica, diatópico-diassexual, diatópico-diastrática e diatópico-diageracional. Os resultados transcritos grafematicamente foram inseridos em cinco cartas morfofonológicas, as quais mostram que os moradores locais usam quatro variantes que testificam um processo de mudança linguística em curso.

Palavras-chave: Dialectologia amazônica. Variável (*gente*). Ariri. Amazonas.

Abstract: In this paper, the morphophonological variants of the variable (*gente*) are described in the speech of residents of the Ariri community, that is located on the Coari Grande river, which belongs to the municipality of Coari, in the State of Amazon. The *corpus* was taken from eight discursive responses, which appear in the semantic-lexical questionnaire of Azevedo's thesis (2013). This is dialectological and geolinguistic research to work on dialectal variation in territorial space. The descriptive analysis was carried out in the intralinguistic, diatopic-diaphasic, diatopic-diasexual, diatopic-diastratic and diatopic-diagenational dimensions. The graphemically transcribed results were inserted into five morphophonological charts, which show that local residents use four variants that testify to an ongoing process of linguistic change.

Keywords: Amazon dialectology. Variable (*gente*). Ariri. Amazon.

* Doutor em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Professor da Universidade Federal de Santa Catarina; felicio.margotti@ufsc.br

** Doutor em Linguística pela Universidade Federal de Santa Catarina, Professor da Universidade Federal do Amazonas; orsasilva@gmail.com

*** Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Amazonas; ilnaufam@gmail.com

1 INTRODUÇÃO

Nas transcrições grafemáticas das respostas ao Questionário Semântico-Lexical da tese de Azevedo (2013), foram constatadas quatro ocorrências morfofonológicas da variável semântico-lexical (*gente*) que, no quadro do português falado no Brasil, de modo geral, concorre com a variante *nós* na primeira pessoa do plural, caracterizando a variação pronominal.

O ponto de inquérito selecionado foi a comunidade São João do Ariri, localizada no Rio Coari Grande, que faz parte do Município de Coari, distante 363 km da Capital Manaus em linha reta. A comunidade possui uma extensão territorial de 3.000 metros de frente por um comprimento muito extenso de fundo, ainda não calculável segundo os moradores locais. São João do Ariri surgiu na década de 1950 com os primeiros desbravadores, que vieram da cidade de Tefé a remo, baixando o rio Solimões em uma canoa. Atualmente a localidade abriga 18 famílias adventistas, que vivem da pesca e atividades agropastoris.

O significado do nome Ariri é desconhecido, mas segundo os moradores dessa comunidade, trata-se de uma palavra de origem indígena análoga às toponímias Coari, Manaquiri, Carauari, Anori, Beruri etc. (cidades do Estado do Amazonas). Como a terminologia Ariri é pouco extensa, resolveram acrescentar o nome do apóstolo bíblico São João, resultando, assim, na toponímia São João do Ariri (ver Figura 1 durante a época das cheias dos rios e lagos amazônicos).



Fonte: Azevedo (2013)

Figura 1 - São João do Ariri.

Nesta pesquisa, foram descritas as variantes da variável (*gente*) seguindo os parâmetros estabelecidos de acordo com a variável intralinguística, posição do sujeito; estilo (variação diafásica); e variáveis sociais: sexo, escolaridade e faixa etária. Tais variáveis influenciaram as realizações das alternantes envolvidas durante a elocução livre dos falantes da comunidade São João do Ariri.

No discurso dos informantes, as quatro variantes desempenham a mesma função e o mesmo sentido do pronome *nós*.

Sob a perspectiva do falante, as variantes foram consideradas como entradas lexicais diferentes, uma vez que a forma padrão ou a norma de uso é a do falante e não a imposta pelo julgamento linguístico do pesquisador. Baseado nisso, as variantes registradas foram *gente*, *ente*, *rente* e *ante*, totalizando 92 dados. As formas *ente*, *rente* e *ante* apareceram na posição de sujeito do verbo no contexto frasal. Por sua vez, a variante *nós* foi pouco incidente, e o resultado mostra uma mudança em curso com a supressão

do grafema *g*, que representa o fonema / ʒ/ na variável (*gente*), resultando na forma mais expressiva *ente*.

2 FUNDAMENTAÇÃO

2.1 O trabalho dialetológico e a variação linguística

Segundo Chambers e Trudgill (1980), a dialetologia é o estudo dos dialetos, os quais podem ser representados por meio de transcrições alfabéticas, grafemáticas e simbologias em mapas monodimensionais e pluridimensionais.

Surgida no contexto do movimento neogramático, no final do século XIX, a dialetologia se aprimorou ao longo dos anos, deixando de selecionar apenas informantes *NORMs* (*nonmobile*, com pouca mobilidade; *older*, mais velhos; *rural*, rurais; *males*, homens), passando de uma fase monodimensional, diatópica, para a fase pluridimensional (Thun, 2005), ao incorporar outras dimensões sociais advindas da sociolinguística. Desse modo, o fenômeno variável pode ser tratado de forma mais complexa e de maneira mais sistematizada.

A pesquisa dialetológica consiste na seleção das variáveis, na definição de uma rede de pontos (localidades), constituição quantitativa de informantes, elaboração e aplicação de um questionário, quantificação dos dados coletados e representação dos resultados no espaço cartográfico.

Em se tratando da variação linguística, fenômeno comum e inerente a todas as línguas naturais do mundo, pressupõe-se a existência de formas alternantes em uma comunidade, que possui peculiaridades linguísticas próprias. Segundo Labov (1972), a variação e a mudança linguística ocorrem em meio à sociedade, envolvendo a língua e o sujeito, não existindo uma gramática individual, mas uma gramática coletiva. A língua existe na sociedade e é imposta àquele que faz parte dela. É coercitiva e está sujeita à variação e à mudança linguística ao longo do tempo.

No mesmo contexto de uso, duas ou mais variantes competem entre si com a mesma significação, e suas ocorrências podem ser favorecidas ou inibidas em função da sua relevância social no discurso ou podem ser preferidas por causa de sua identificação com formas padrão e não-padrão, que refletem tendências conservadoras ou inovadoras (Roncarati, 1992).

O que determina a existência das variedades linguísticas são fatores internos (linguísticos) que influenciam a escolha dos falantes por formas de natureza fonomorfolossintáticas, semânticas, discursivas e lexicais; e fatores externos, extralinguísticos, que atuam também na utilização de uma ou mais alternante, entre os quais os inerentes ao falante, a exemplo da etnia e sexo, e os sociais, a exemplo de escolarização, nível de renda, profissão e classe social, e os contextuais como grau de formalidade e tensão discursiva.

Cada língua é um produto de sua evolução histórica no tempo e no espaço, de modo que o acúmulo e a integral realização dela dependem de condições sociológicas, pois a estrutura da sociedade é que determina a rapidez ou a lentidão das mudanças linguísticas (Silva Neto, 1988). Assim, a teoria da variação e mudança linguística concebe a língua como objeto possuidor de heterogeneidade sistemática, ou seja, existe regularidade na variação e na mudança linguística (Weinreich; Labov; Herzog, 2006

[1968]). Câmara Jr. (2009) afirma que a variação linguística é influenciada pelo ambiente fonético ou pelas peculiaridades do sujeito falante, que muda seu discurso conforme mudam seus parâmetros sociais, como escolarização, idade etc. Por isso, os padrões linguísticos de uma comunidade estão sujeitos ao julgamento social positivo ou negativo.

2.2 Variação morfofonológica

Quando o fonema e o morfema são afetados simultaneamente, tem-se a variação morfofonológica. Na fala nortista, por exemplo, o morfema formador de gerúndio {-ndo} pode se realizar foneticamente como [nũ], [ndũ]; já as formas em [no] e [ndo] são mais raras e podem ser encontradas na fala de pessoas com baixa escolaridade e moradores de lugares distantes dos principais centros urbanos, por exemplo, no Amazonas, um estado brasileiro com proporções continentais. Sabe-se que o morfema {-ndo} é formado por fonemas. Acontece que quando um de seus segmentos fônicos é suprimido ou substituído, ocorre alteração de ordem fonológica e morfológica. Logo, as formas abaixo sofrem o processo de variação morfofonológica com a queda de /d/, resultando num processo de assimilação do ponto de articulação, uma vez que os dois segmentos são alveolares ou alveodentais, a depender do dialeto:

- a. Almoçando, sendo realizada como [aw.mo.'sã.nũ];
- b. Dançando, sendo realizada como [dã.'sã.nũ];
- c. Pescando, sendo realizada como [pɛʃ.'kã.nũ].

O mesmo processo pode ser verificado nos exemplos apresentados por Coelho et al. (2015, p. 27): “Andá (por ‘andar’), vendê (por ‘vender’), parti (por ‘partir’)”, pois nesses exemplos, o *r* representa ao mesmo tempo um fonema /r/ e um morfema {r}. Se o *r* não for realizado, diz-se que houve apagamento, resultado em fonema zero e morfema zero.

FLP 25(2)

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O corpus analisado foi retirado das respostas transcritas grafematicamente do questionário semântico-lexical da tese de Azevedo (2013), que foi aplicado na comunidade São João do Ariri. Na análise descritiva, seguindo o mesmo procedimento metodológico adotado por Azevedo (2013), foram controladas, além da dimensão intralinguística (posição da variável *gente* na frase), as dimensões sociais: diasssexual: homem e mulher; diageracional¹: de 18 a 30 anos e de 50 a 65 anos; e diastrática: analfabeto ou alfabetizado até a 4.^a série e acima da 4.^a série.

¹ O parâmetro de duas faixas etárias seguiu a metodologia do Atlas Linguístico do Brasil - ALiB, a qual foi adotada por Azevedo (2013).

Quadro 1 - Perfil do informante da comunidade Ariri.

Nº	Sexo	Faixa etária	Escolaridade
1	Homem	De 18 a 30 anos	Até a 4. ^a série
2	Mulher	De 18 a 30 anos	Até a 4. ^a série
3	Homem	De 18 a 30 anos	Acima da 4. ^a série
4	Mulher	De 18 a 30 anos	Acima da 4. ^a série
5	Homem	De 50 a 60 anos	Até a 4. ^a série
6	Mulher	De 50 a 60 anos	Até a 4. ^a série
7	Homem	De 50 a 60 anos	Acima da 4. ^a série
8	Mulher	De 50 a 60 anos	Acima da 4. ^a série

Fonte: adaptado de Azevedo (2013).

Conforme Quadro 1, participaram da pesquisa oito informantes, sendo quatro mulheres e quatro homens, distribuídos nas duas faixas etárias e nas duas escolaridades já mencionadas.

Na elaboração das cartas morfofonológicas, foi utilizada, como camada do projeto inicial, a malha em formato *shapefile*, AM Municípios do ano de 2022, baixada direto do site do IBGE² e inserida no programa de geoprocessamento e georreferenciamento QGIS³, versão 3.30. Em seguida foi adicionada a camada de amostra do Município de Coari e uma camada de fundo do *Waze World*, disponível no ícone *web* existente no próprio QGIS.

Os gráficos foram gerados em forma de pizza com a inserção do rótulo de dados. Em se tratando da carta pluridimensional, cada gráfico em forma de pizza representa a fala de cada informante da comunidade Ariri, sendo inserido na cruz com o seguinte perfil:

Mulher 1, Faixa Etária 1, Escolaridade 1; e Homem 1, Faixa Etária 1, Escolaridade 1.

Mulher 2, Faixa Etária 1, Escolaridade 2; e Homem 2, Faixa Etária 1, Escolaridade 2.

Mulher 3, Faixa etária 2, Escolaridade 1; e Homem 3, Faixa etária 2, Escolaridade 1.

Mulher 4, Faixa etária 2, Escolaridade 2; e Homem 4, Faixa etária 2, Escolaridade 2.

Por último, as cores das legendas nas cartas correspondem às mesmas cores usadas nos gráficos em forma de pizza.

Na Figura 2, é possível visualizar a localização da comunidade Ariri em relação à cidade de Coari. No percurso via rio Coari Grande, e se a viagem for feita em um

² Disponível em: [Malha Municipal | IBGE](https://www.ibge.gov.br/malha-municipal).

³ Disponível em: https://www.qgis.org/pt_BR/site/forusers/download.html.

rabeta de 5HP, a viagem dura 5 h; mas se for feita em uma lancha de 150 HP, dura 30 min.



Fonte: Yandex Satellite⁴.

Figura 2 - Imagem de Satélite da comunidade Ariri.

4 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

As realizações morfofonológicas da variável (*gente*) em *gente*, *ente*, *ante* e *rente* no português falado na comunidade São João do Ariri são exemplos de variação linguística, que caracterizam entradas lexicais diferentes na memória do falante. Segundo Brandão, “Cada falante é, a um tempo, usuário e agente modificador de sua língua, nela imprimindo marcas geradas pelas novas situações com que se depara” (Brandão, 2005, p. 5).

Aspectos dialetais podem ser observados, conforme Brandão (2005), na entonação, na pronúncia, na escolha vocabular, na preferência por determinadas construções frasais, possibilitando a identificação do falante como pertencente a um país ou região geográfica ou a um grupo social.

Portanto, o falante está situado no espaço, no tempo e socialmente. Logo, a variação linguística ocorre no espaço, no tempo e socialmente. Cada momento, cada

⁴ Disponível no próprio QGIS.

contexto retrata um estágio de inovação linguística, que vem a ser o objeto da pesquisa dialetológica.

Nos subtópicos seguintes, são abordados os resultados nas dimensões intralinguística (posição da variável *gente* na frase), diatópica (localidade), diatópico-diafásica (variação estilística), diatópico-diassexual (homem e mulher), diatópico-diastrática (escolaridade) e diatópico-diageracional (faixa etária).

4.1 Na dimensão intralinguística

Durante toda trajetória histórica de uma dada língua, há interferências de natureza linguística capazes de provocar, por exemplo, mudanças fonético-fonológicas na estrutura dos vocábulos. Dessa forma, fazem-se atuantes os processos fonológicos envolvidos nas realizações do vocábulo *gente* no discurso oral dos informantes da comunidade São João do Ariri. Adotando-se a simbologia do alfabeto fonético internacional, as variantes *gente*, *ente*, *ante* e *rente* podem ser transcritas, respectivamente, da seguinte forma no dialeto arirense:

- a. [ʒẽ.tʃɪ] sem alteração morfofonológica na pronúncia nortista padrão para esse vocábulo;
- b. [ẽ.tʃɪ] com aférese do [ʒ];
- c. [ã.tʃɪ] com aférese do [ʒ] e abaixamento de [ẽ] para [ã];
- d. [hẽ.tʃɪ] com substituição do [ʒ] por um consoante glotal surda [h], muito incidente na fala nortista, de modo geral.

Abaixo estão as citações retiradas do apêndice da tese de Azevedo (2013), mostrando o contexto em que ocorrem as variantes da variável (*gente*):

A *rente* faz...cumué o nome...é séva. Coloca...coloca um bucado de joari dentro dum panerinho piqueno, aí pindura no fundo d'água assim, dexa lá uma...uns dois metro de fundura. Aí vaimbora, quando ele...a *rente* volta, aí os peixe já tem ajuntado pra ruê lá no...pela brecha do panero, ele sai ruendo, ruendo, aí *ente* arrria o anzol, ele come, ente pesca. É séva, dá-se o nome. (Homem, 50 anos, 5.^a série).
-Ela num é braba não, mas se *rente* amaça nela, ela ferra. (Homem, 50 anos, 5.^a série).

Na posição de sujeito do verbo nas frases acima, aparecem as variantes *rente* e *ente*. Na primeira forma, houve a realização morfofonológica de (*gente*) em *rente*, em que o [ʒ], foneticamente, é substituído por [h] antes de vogal nasalizada na posição de sujeito do verbo; e, na segunda forma, ocorreu o apagamento de /ʒ/ no mesmo contexto. Devido à intensa velocidade imprimida no momento da prolação de tal vocábulo, o falante, de maneira inconsciente, substitui o [ʒ] por [h] ou o suprime. O mesmo caso de apagamento pode ser verificado abaixo no discurso oral dos demais informantes.

-*Ente* chama de ubru. (Homem, 30 anos, analfabeto).
-Porque na friagem é melhó? -Aí na friage, eles fico tudo assim in cima d'água. Aí ente faz o chapuco, bota numa varinha. (Mulher, 56 anos, 6.^a série).
[...] *ente* pensa que ela tá verde, mas ela fica bem molinnha, ela santumoé, essa aqui é banana guariba. (mulher, 26 anos, 2.^a série primária).

-A *gente* inxota o porco, *ante* faz assim cuche, né! (mulher, 52 anos, analfabeta).

No último exemplo, aparece a forma *ante* como apagamento do segmento /3/ e abaixamento de /e/ para [a]. Já a forma *gente* apareceu na função de adjunto adnominal, sujeito e complemento verbal, o que pode ser constatado na leitura das citações abaixo retiradas do apêndice da tese de Azevedo (2013).

Traventa a boca da *gente* (mulher, 52 anos, analfabeta).

É umas cabinha deste tamanhinho, que elaa...se a *gente* caii n'água, ela cai atrás e ferra a *gente* sempre. (mulher, 52 anos, analfabeta).

-A friera elaa...assim.... nu pé da *gente*, ela vai fazendo aquele caminho cum aquela bulhazinha, o rói-rói dá nos meio dos dedo, o mijacão éé...fica assim, ela foco o pé da *gente*, é mais cruel. (homem, 30 anos, analfabeto).

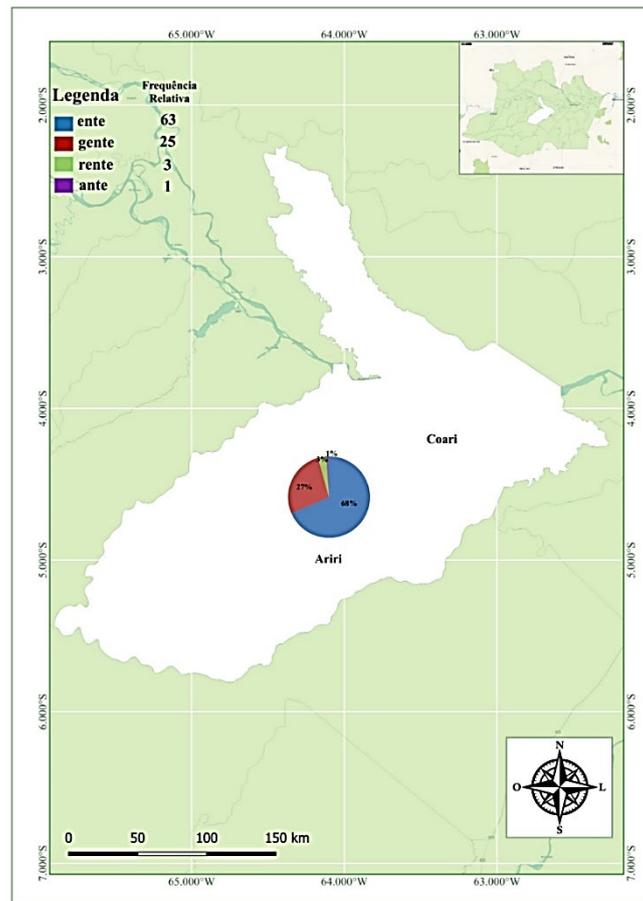
-Então a osga num dá na parede da casa da *gente* não. (Mulher, 56 anos, 6.^a série).

Como visto nas citações, a posição de sujeito do verbo é favorável ao aparecimento das variantes *ente*, *rente* e *ante*, enquanto a posição de complemento do verbo ou de adjunto adnominal favorece a ocorrência da variante *gente*, havendo um controle maior por parte do falante no uso dessa variante. Já na posição pré-verbal, o falante não exerce um controle sobre a forma como fala o vocábulo *gente*. A presença de quatro variantes em um ambiente comum expressando a mesma significação é um exemplo clássico de variação, uma vez que são maneiras diferentes de dizer a mesma coisa.

4.2 Dados gerais no contexto diatópico

FLP 25(2)

Na Figura 3, tem-se uma carta monodimensional, contendo os dados gerais da variável (*gente*) sem as associações às dimensões sociais. Como afirmado anteriormente, foram registradas 92 ocorrências de variantes de (*gente*), dentre as quais a forma *ente foi* a mais produtiva, apresentado um percentual de ocorrência em 68%, e uma frequência absoluta de 63; seguida, respectivamente, por *gente* em 27%, e frequência absoluta de 25; por *rente* em 7%, e frequência absoluta de 3; e por *ante* em 1%, e frequência absoluta de 1. Isso mostra a forte difusão de *ente* na comunidade Ariri (AM).



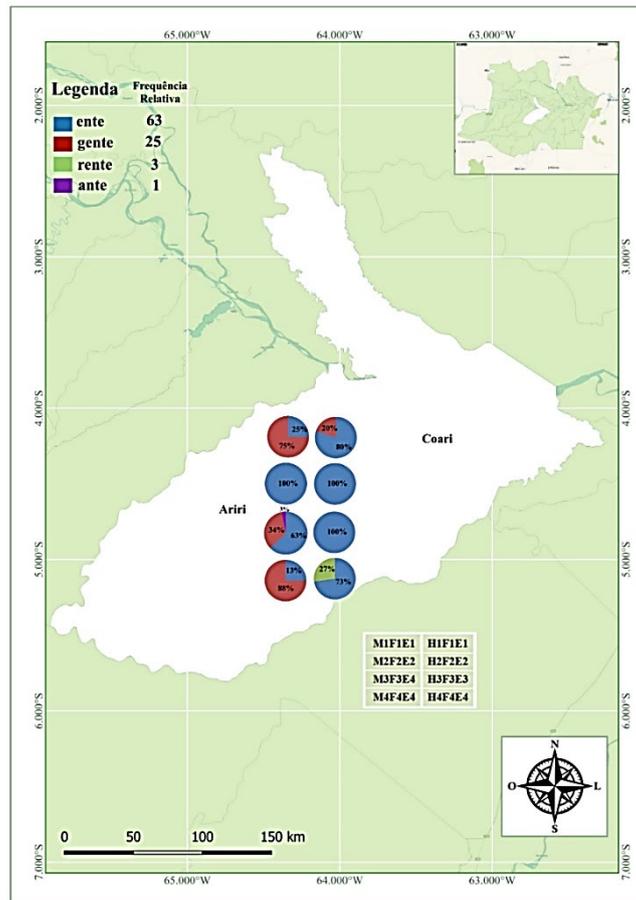
Fonte: elaborado pelos autores.

Figura 3 - Variantes de (*gente*) em Ariri.

4.3 Realizações de (*gente*) no espaço pluridimensional

Na Figura 4, é possível visualizar a variação linguística no espaço pluridimensional, considerando-se a dimensão diatópico-diafásica, diatópico-diassexual, diatópico-diastrática e diatópico-diageracional. Os gráficos posicionados do lado direito representam a fala dos homens, que comandam a inovação linguística na substituição da forma *gente* por *ente*. Do lado esquerdo, nos gráficos que representam a fala das mulheres, a variante *gente* é a mais difundida, que é a forma mais conservadora e associada à variedade padrão do Português. Cada gráfico representa a resposta de cada falante, permitindo, assim, visualizar o comportamento linguístico de maneira individual. Ainda, segundo a visualização dos gráficos na Figura 4, os mais escolarizados da Faixa Etária 1, de 18 a 30 anos, falam de forma categórica a variante *ente*.

FLP 25(2)



Fonte: elaborado pelos autores.

Figura 4 - Variação pluridimensional de (*gente*).

4.3.1 Dimensão diafásica

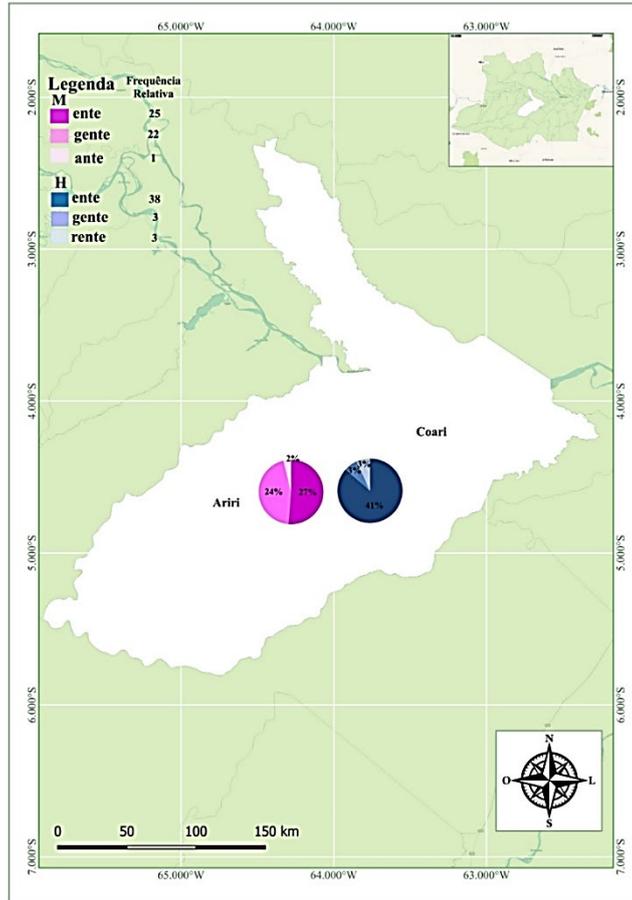
Do total de 92 ocorrências das variantes de (*gente*), 48 pertencem ao discurso das mulheres e 44 ao discurso dos homens. A frequência absoluta de cada variante varia conforme cada discurso, sendo que as mulheres falaram mais do que os homens. Pode-se visualizar pelos dados constantes na Figura 4 a variação estilística ocorrendo de maneira mais acentuada na fala das mulheres, na alternância de *ente* para *gente* e para *ante*. Conforme as informações apresentadas na carta pluridimensional (Figura 4), na fala de oito informantes, cinco apresentaram variação estilística.

4.3.2 Variação diasssexual

Considerando os dados gerais na dimensão diasssexual, conforme visualização na Figura 5, a variante *ente* obteve um percentual de ocorrência em 27%, e frequência absoluta de 25 na fala das mulheres, enquanto na fala dos homens o percentual foi de 41%, com frequência absoluta de 38.

Já a alternante *gente* foi a mais usada pelas mulheres, apresentando um percentual de ocorrência em 24%, e frequência absoluta de 22. Na fala dos homens, tal variante obteve baixa incidência percentual e absoluta, respectivamente, de 3% e 3.

Por último, a alternante *rente* apareceu três vezes (3%) somente no discurso dos homens, e a variante *ante* apareceu uma única vez (2%) no discurso das mulheres (2%). Os dados nos permitem concluir que os homens estão mais propensos a falar a variante inovadora *ente*, por isso comandam esse processo de substituição inconsciente da forma *gente* por *ente*. Dos quatro homens que participaram da pesquisa em São João do Ariri, apenas um falou a forma *gente* 3 vezes.



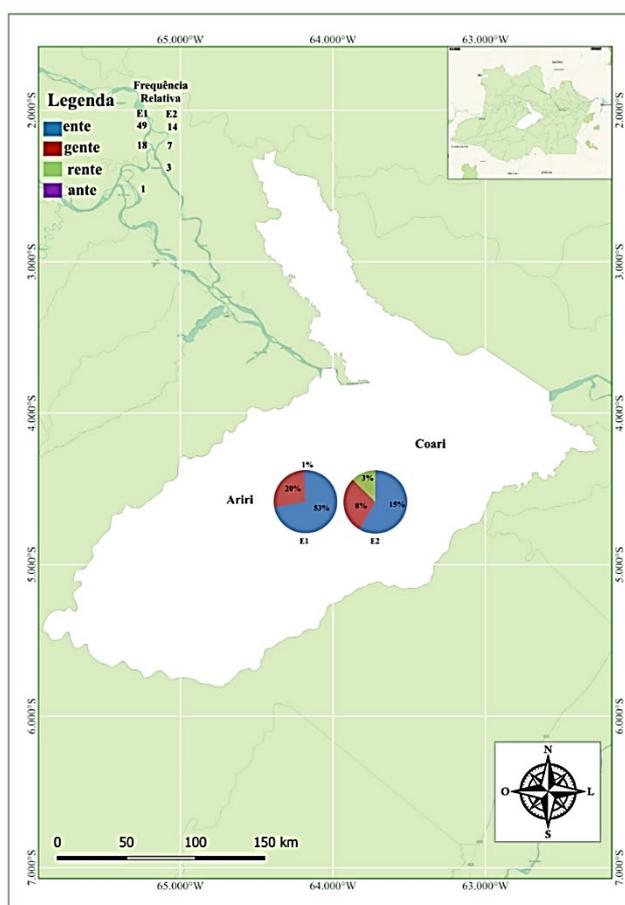
Fonte: elaborado pelos autores.

Figura 5 - Variação diassexual de (*gente*).

4.3.3 Variação diastrática (escolaridade)

Das 92 ocorrências das variantes de (*gente*), 68 são faladas por informantes da Escolaridade 1, até a 4.^a série, e 24 pelos da Escolaridade 2, acima da 4.^a série.

FLP 25(2)



Fonte: elaborado pelos autores.

Figura 6 - Variação diastrática de (*gente*).

As quatro alternantes *gente*, *ente*, *rente* e *ante*, segundo o parâmetro da escolaridade dos informantes, apresentam-se distribuídas da seguinte forma:

Considerando os dados gerais por escolaridade (Figura 6), a alternante *ente* foi mais falada pelos informantes da Escolaridade 1, até a 4.^a série, apresentando percentual de ocorrência em 53%, e frequência absoluta 49. Na Escolaridade 2, acima da 4.^a série, também tal variante foi a mais falada, obtendo um percentual de ocorrência em 15%, e frequência absoluta 14.

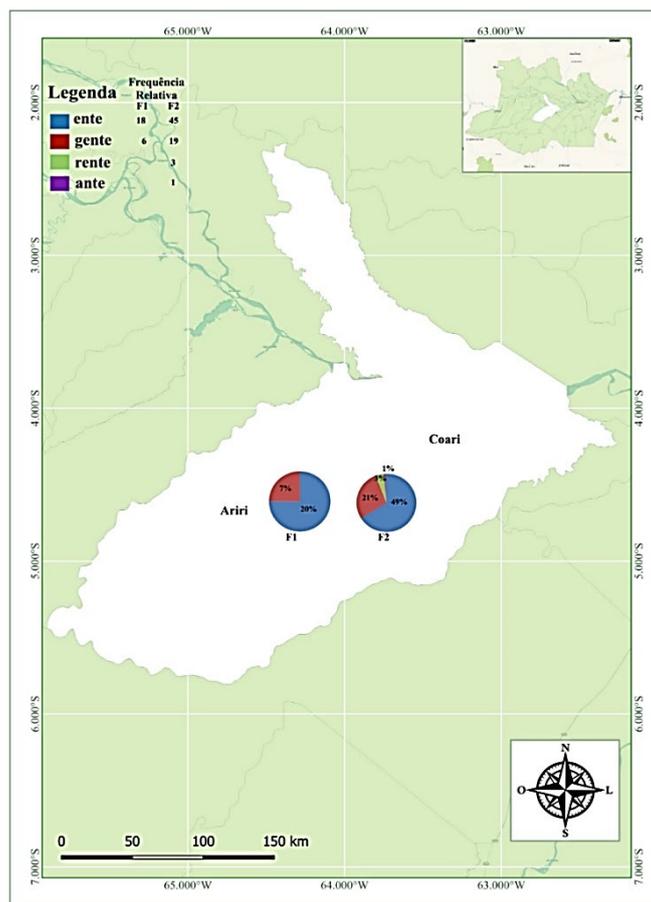
Em se tratando dos dados para a variante *gente*, esta é mais falada pelos informantes da Escolaridade 1, até a 4.^a série, cujo percentual de ocorrência foi de 20% (18 vezes) contra 8% (7 vezes) dos informantes da Escolaridade 2, acima da 4.^a série.

Já a variante *ante* foi falada uma vez por uma informante da Escolaridade 1, enquanto a alternante *rente* foi usada 3 vezes por um informante da Escolaridade 2.

Com isso, a variante inovadora *ente* é a mais difundida pelos informantes que da Escolaridade 1, reforçando a hipótese de que esse processo acontece de maneira inconsciente, em especial entre os falantes que têm menor condição de fazer julgamento linguístico e selecionar a forma a usar, ou seja, se vai usar *gente* ou vai usar *ente*. Percebe-se que esse é um processo já está bem difundido entre os moradores da comunidade São João do Ariri, porque houve falantes mais escolarizados que usaram somente a forma *ente*.

4.3.4 Variação diageracional

Conforme visualização dos dados estatísticos da Figura 7, das 92 ocorrências das variantes de (*gente*), 24 são faladas pelos informantes da Faixa Etária 1, de 18 a 30 anos, e 68 pelos da Faixa Etária 2, de 50 a 65 anos.



Fonte: elaborado pelos autores.

Figura 7 - Variação diageracional de (*gente*).

A delimitação da faixa etária dos informantes para saber qual geração utiliza mais uma ou outra forma mostrou-se satisfatória, porque os dados estatísticos (Figura 7) apresentam diferenças significativas entre as variantes *gente* e *ente*, que são as mais incidentes em todo corpus analisado.

Os informantes da Faixa Etária 2, dos 50 a 65 anos, utilizaram mais a forma *ente* (45 vezes, ou 49% do total) do que os informantes da Faixa Etária 1, dos 18 a 30 anos (18 vezes, ou 20% do total). Uma justificativa para incidência maior da alternante *ente* na Faixa Etária 2, de 50 a 65 anos, é o fato de que esses informantes têm baixa escolaridade ou foram escolarizados recentemente, de modo que se tornou difícil para eles esquecerem aspectos presentes em seu repertório linguístico. Os resultados mostram que os informantes da Faixa Etária 2, de 50 a 65 anos, foram, no que diz respeito ao uso das variantes de (*gente*), inovadores.

Por sua vez, a variante *gente* ocorre 19 vezes (21%) na Faixa Etária 2 e 6 vezes (7%) na Faixa Etária 1. As demais variantes *rente* e *ante*, pouco expressivas, ocorreram

somente na Faixa Etária 2, com números absolutos e percentuais, respectivamente, com 3 ocorrências (3%) e uma ocorrência (1%).

Na concorrência em nível linguístico entre as formas *gente* e *ente*, a variante *ente* se sobressai e é transmitida aos informantes da Faixa Etária 1, de 18 a 30 anos, pelos mais velhos.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, foram descritas as realizações morfofonológicas da variável (*gente*) no português falado na Comunidade São João do Ariri/AM. Adotou-se a perspectiva dos falantes, que concebem quatro variantes como entradas lexicais diferentes. Como foi percebida a variação morfofonológica da variável (*gente*) de maneira expressiva na transcrição grafemática nos dados linguísticos da tese de Azevedo (2013), foi possível sistematizá-los e compará-los.

Na dimensão intralinguística, considerando a posição da variável (*gente*) na frase, em todos os discursos dos falantes da comunidade, foram encontradas três formas do pronome *nós* na função de sujeito, enquanto as demais ocorrências sucederam-se com *gente*, *ente*, *rente* e *ante*, das quais *gente* ocorreu poucas vezes na posição de sujeito e, de forma mais expressiva, na posição complemento verbal e adjunto adnominal; e *ente*, *ante* e *rente* ocorreram apenas na posição sujeito do verbo.

Das quatro variantes documentadas, segundo os dados gerais, a forma *ente* é a mais difundida nas três variáveis sociais controladas na amostra.

Na dimensão diassexual, os homens lideram a difusão de *ente*. Proporcionalmente ao discurso de cada mulher, a forma *gente* é mais expressiva.

Na dimensão diastrática, cujo parâmetro são duas escolaridades, os informantes com escolaridade mais baixa usaram mais a forma *ente*.

Na dimensão diageracional, cujo parâmetro são duas faixas etárias, os informantes mais velhos, mais comunicativos do que os da faixa etária de 18 a 30 anos, usaram mais a forma *ente*.

Devido às limitações da pesquisa, pois não foi o propósito de Azevedo (2013) estudar as ocorrências da variável (*gente*), é necessária a realização de novas pesquisas que confirmem a tendência atual no que diz respeito à variável linguística (*gente*) e, também, de outros aspectos de variação e mudança linguística na fala de moradores da comunidade Ariri ou de outros locais do Estado do Amazonas ou da Região Norte do Brasil.

REFERÊNCIAS

- Azevedo OS. Aspectos dialetais do português da região norte do Brasil: um estudo sobre as pretônicas e sobre o léxico no Baixo Amazonas (PA) e no Médio Solimões (AM) [tese]. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina; 2013.
- Brandão SF. A geografia linguística no Brasil. São Paulo: Ática; 2005.
- Câmara Jr. JM. Para o estudo da fonêmica portuguesa. Petrópolis: Vozes; 2009.
- Chambers JK, Trudgill P. Dialectology [locais do Kindle 112]. Cambridge Textbooks in Linguistics. Kindle.

- Coelho I, et al. Para conhecer a sociolinguística. São Paulo: Contexto; 2015.
- Labov W. Sociolinguistic patterns. Philadelphia: University of Pennsylvania Press; 1972.
- Roncarati C. Fatores fonológicos. In: Mollica MC, organizadora. Introdução à sociolinguística variacionista. Rio de Janeiro: UFRJ; 1992.
- Silva Neto S. História da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Presença; 1988.
- Thun H. A dialetologia pluridimensional no rio da Prata. In: Zilles MAS, organizadora. Estudos de Variação no Cone Sul. Porto Alegre: Editora UFRGS; 2005.
- Weinreich U, et al. Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística. Bagno M, tradutor. São Paulo: Parábola; 2006 [1968].

FLP 25(2)